

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

EUGENIO RIGNANO — *Qu'est-ce que la vie? Nouveaux essais de synthèse biologique* — «Bibliothèque de Philosophie Contemporaine» — 1 vol. de 208 págs. — Alcan ed., Paris, 1926.

O ilustre director da revista «Scientia», com as suas poderosas faculdades simultâneamente de crítica e de síntese e com a sua grande erudição científica, expõe neste excelente volume a sua teoria energética e finalista de interpretação dos fenómenos biológicos.

Nos fenómenos fisiológicos mais elementares, na assimilação — que é uma escolha —, na auto-reconstrução espontânea da substância viva por meio dessa assimilação, no metabolismo que se apresenta como «um processo em estado de equilíbrio estacionário», no impulso dado pela própria desassimilação à assimilação subsequente, na tendência da substância viva à auto-conservação, o autor vê características exclusivas da vida, explicáveis por uma energia sintetisadora *sui-generis*, que êle identifica com a energia nervosa, atribuindo-a aos «nervions», análogos aos «electrons» da energia eléctrica, mas específicos.

Demonstra em seguida o finalismo dos fenómenos de geração e dos de regeneração. O desenvolvimento embriológico visa necessariamente um objectivo. Há uma espécie de «previsão» das necessidades futuras, pois não se comprehende doutro modo o desenvolvimento de órgãos complicados que só «mais tarde» *servem para alguma coisa*. Os factos de regeneração também apresentam um finalismo, que se revela «na tendência do organismo a completar-se na sua forma normal». Em vez de recorrer a enteléquias, ou outras entidades metafísicas ou místicas, que significam, segundo o autor, a renúncia a qualquer explicação científica causal, o Prof. Rignano relembra a sua hipótese *centro-epigénica*, segundo a qual a acção morfogenética irradiaria, durante a ontogénese, duma zona central, constituída pela substância germinal e localizada sempre no mesmo ponto do organismo, na qual se acumulariam, durante a filogénese, os estímulos específicos da actividade biológica e seriam mesmo elaborados estímulos novos. Essas acumulações seriam, de acôrdo com o já acima exposto, de natureza nervosa. A energia nervosa, específica, é própria dos seres

vivos e está assim *na base da vida*. É para notar a analogia encontrada entre os fenómenos do desenvolvimento e os fenómenos mnemónicos propriamente ditos, analogia que o autor estudou noutros trabalhos seus.

Em sucessivos capítulos, o Prof. Rignano ocupa-se: do finalismo dos factos de adaptação pre-estabelecida; da necessidade de se admitir a hereditariedade dos caracteres adquiridos; do finalismo dos fenómenos de adaptação nova; da falta de sentido, no mundo inorgânico, de conceitos como o de «veneno» e de fenómenos como a doença e a febre; da *reação activa* dos organismos inferiores, pelas suas forças internas, às influências exteriores; do finalismo dos reflexos, dos instintos, das tendências afectivas, etc. A própria actividade mental e as actividades sociais aparecem ao autor como exprimindo um evidente finalismo, e ele aborda os problemas da justiça e da moral com esse critério, afirmando que à luta pela vida tende o homem a substituir a harmonia da vida, como o fim último e supremo da porção biológica, finalista, do Universo, separada do mundo inorgânico, não finalista, por um abismo.

O Prof. Rignano toma assim uma atitude intermédia entre o mecanicismo e o vitalismo animista, o primeiro dos quais exclui do campo de investigações os aspectos fundamentais da vida e o segundo renuncia de facto a toda e qualquer explicação. A sua explicação vitalístico-energética, pelo facto de ser finalista, não deixa de ser causal e determinista. A «marca psíquica» dos fenómenos vitais é, diz ele, uma marca mnemónica. A objecção de que ninguém viu a «energia nervosa» não vale nada: também ninguém viu o éter de Fresnel e, no entanto, ninguém pôde negar o seu valor para explicação da transmissão da luz.

Sem dúvida, a sugestiva teoria de Rignano não dá uma solução detalhada de todos os fenómenos da vida, mas sensatamente orienta no sentido de pesquisar o que nêles há de específico e finalista. Essa especificidade e esse finalismo são negados absurdamente pelos mecanicistas que afinal contestam a própria essência da vida. Pelo contrário, são considerados o único aspecto da vida ou integrados em concepções sem qualquer base objectiva, pelos vitalistas-animistas. Rignano inteligentemente se coloca numa atitude intermédia, e por mais que haja de recorrer por vezes a explicações verbais, as suas ideias e a sua linguagem teem um cunho essencialmente científico. As deduções morais e sociais do seu «idealismo positivo» (expressão sua) são as mais vagas e teóricas, mas nem por isso deixam de representar, como o resto do seu livro, um esforço original e lúcido do seu alto espírito de filósofo e de sábio.

MENDES CORRÊA.

G. SERGI—*I Mammiferi, Origine ed evoluzione, nuova interpretazione*—1 vol. de 360 págs., Torino, Fratelli Bocca editori, 1923.

A tese principal do eminente antropologista italiano resume-se nestas palavras: «Os Mamíferos de todas as famílias aparecem em diferentes períodos geológicos e bruscamente, sem precursores que anunciassem a sua origem; e o mesmo sucede com os Reptís, as Aves, os Anfíbios, os Peixes, entre os vertebrados, e com todos os invertebrados. O facto da aparição brusca dos Mamíferos tem muita semelhança com a aparição dos primeiros animais marinhos no câmbrico... Um ser vivo que tem caracteres definidos que constituem o seu tipo, não pode transformar-se noutro tipo diferente».

Começando pelo estudo dos *Eotérios*, isto é, dos Mamíferos mais arcaicos, que apareceram no triádico, viveram no juráico e se extinguiram, *sem sucessores*, no cretácico ou no paleoceno, combate a teoria da sua origem reptiliana, particularmente a sua derivação dos Cinodontes. Entende, por exemplo, que, para admitir, como Osborn e Gregory, a filiação dos trituberculados nos triconodontes, seria necessário que os primeiros se encontrassem num período posterior aos segundos. Ora, nem sempre é assim. O *Amphiterium* é contemporâneo dos triconodontes e oferece em relação a estes muitas diferenças. Mas, a nosso ver, se este último facto permite crer na sua derivação dum teriomorfo diverso, a contemporaneidade geológica não implica necessariamente impossibilidade de relações filéticas directas. A verdade é que o autor reconhece a escassez de formas e de documentos paleontológicos de Mamíferos no triádico superior. Mas a falta de intermediários não será mais aparente do que real? Por outro lado, ele aponta nos Cinodontes numerosos caracteres citados por Gregory, que aproximam aqueles dos Mamíferos e, não obstante, insiste em que se trata de estruturas *absolutamente* diferentes. E, depois de equiparar a *senilidade* de espécies à de indivíduos, o autor afirma que os Mamíferos mesozóicos, os *Eotérios*, desapareceram, como muitos outros grupos animais, sem descendência, por esgotamento senil.

O estudo dos Mamíferos que chama *Archeotheria* (que começaram a aparecer no paleoceno e se extinguiram no oligoceno) é feito em seguida, com exclusão dos da América do Sul, cujas relações com os tipos norte-americanos e europeus são ainda problemáticas. Passa o autor em revista os Proboscídeos primitivos e os *Hyracoidea* de Faium, os *Paleoipiddi*, *Suidi* eocénicos, *Anthracotheriidae*, vários Artiodáctilos, etc., da Europa, *Anaptomorphidae* e muitos outros grupos da América do Norte, e afirma

que todos êsses tipos desapareceram sem descendência, afirmação cujo carácter demasiado absoluto, em face da escassez de documentos, não é necessário acentuar.

Um capítulo interessante é aquele em que o autor trata de demonstrar a impossibilidade de ser a Ásia a pátria dos Mamíferos arqueotéricos e neotéricos, em vista das suas condições fisiográficas e geológicas. A fauna mamológica arqueotérica teria, na sua opinião, origem num centro de produção *européu* e a mio-pliocénica ou neotérica num centro *mediterrâneo*. Cada tipo teria uma origem directa, separada. O homem teria tido possivelmente origem na fauna europeia-mediterrânea, o que está de acôrdo com o parecer de Hrdlicka e difere das anteriores concepções do próprio autor sôbre o assunto.

A despeito das nossas divergências de pontos de vista, temos vivo prazer em verificar mais uma vez, através dêste trabalho tão erudito e actual, a frescura de espírito e a energia sempre moça do venerando e eminente professor.

M. C.

MENDES CORRÊA — *Homo* (Os modernos estudos sôbre a origem do homem) — 2.^a ed., vol. de 160×240 mm., 302 págs. e 52 figs. «Atlantida», Livraria Editora, Coimbra, 1926.

Publicada a primeira edição desta obra em 1921, saíu a lume a segunda em 1926, inteiramente refundida. Tal facto, se é prova do interesse que em Portugal vão tendo os estudos antropológicos e prehistóricos, não o é menos da competência com que os trata o distinto Director do Instituto de Antropologia do Pôrto, já bem conhecido entre nós e fora do país, pelos seus notáveis trabalhos sôbre êste ramo da sciência. Nos estreitos limites duma nota bibliográfica apenas me fica espaço para uma referência muito sintética desta obra que tanto vem honrar a sciência portuguesa. Que me releve o erudito Professor!

Analiza o A. no capítulo I as diferentes opiniões emitidas até hoje acêrca da origem animal do Homem, e é notável o conhecimento que revela da bibliografia publicada sôbre tal assunto. Estuda nêle minuciosamente as semelhanças e as diferenças que o Homem apresenta com o Símio, chegando à conclusão de que «não sendo mais do que um Primata mais ou menos especializado, o Homem tem como os Símios superiores um parentesco evidenciado por dados numerosos, extraídos da anatomia comparada, da embriologia, da teratologia, da paleontologia, das próprias fisiologia, patologia e psicologia comparadas, etc. Mas, se

estes dados permitem crer nesse parentesco, afirma-se que nenhum dos macacos actuais se pode considerar o antepassado humano» (págs. 13-14). ¿Qual será pois o precursor do Homem? «Se a simples análise da morfologia dos Primatas superiores e as razões sumariamente expostas bastam para arredar a doutrina poligenista do campo das hipóteses aceitáveis, o problema da origem humana não pode resolver-se pelo simples estudo da caracterização das formas actuais dos Primatas. Requer-se, como o entendem todos os antropólogos, o concurso indispensável da paleontologia» (páginas 33-34). Ora, «tantos anos mais tarde, não sabemos ainda ao certo quem foi êsse precursor. E, no entanto, o pecúlio de aquisições paleontológicas aumentou sensivelmente até hoje» (pág. 34).

Depois duma breve exposição das diferentes hipóteses cosmogónicas, dá o A. no segundo capítulo um resumo da cronologia prehistórica, apresentando no fim alguns quadros esquemáticos. No da era quaternária segue o A. aproximadamente e opinião tão brilhantemente defendida pelo meu mestre e amigo Professor Obermaier, da Universidade de Madrid, introduzindo nessa era os quatro grandes períodos glaciários, contra o parecer de Boule, Schlosser e Soergel; não vejo contudo razão para fazer corresponder o prechelense (fauna cálida) ao terceiro período glaciário (Rissense). Bem diz o A. que neste ponto se devem tomar ainda com certa reserva essas correspondências.

Ao passar em revista as modernas «Doutrinas da evolução» (cap. III), não se desdenha o A. de afirmar que, ao perfilhá-las, «fica ainda aos ortodoxos em matéria religiosa vasto terreno para afirmação de pontos de vista criacionistas. O transformismo não desvenda os mistérios da aparição da vida, da própria essência da vida, e misterioso permanece até o mecanismo íntimo das variações» (pág. 61).

E' realmente digno de nota o estudo crítico que faz das diferentes causas de evolução propostas por Darwin, Lamarck, Sergi, Rosa, Weissmann, De Vries, Cope, etc. Detém-se mais demoradamente na descrição dos Símios fósseis e na do tão falado *Pithecanthropus erectus*. Com respeito aos restos atribuídos a êste último, emquanto Dubois tem para si que «o crânio requiere exactamente tal fémur e não outro», o A. afirma sem rodeios e com razão que se «a calote é nitidamente mais simiana do que humana, diferindo apenas das dos Símios na capacidade, o fémur é atribuível sem hesitações a um indivíduo do género *Homo*» (pág. 124). «O *Pithecanthropus erectus* não pode considerar-se estabelecido, sob os pontos de vista da morfologia e da paleontologia, sôbre a calote, os molares e o fémur associados» (pág. 127).

A resenha dos esqueletos ou restos humanos fósseis é feita

com esmêro e exactidão, e nela são já mencionados os principais descobrimentos realizados recentemente (Tabgha, Broken-Hill, Wadjak, etc.). O tipo do nosso dolicocefalo tardenoisense de Mugem (*Homo afer taganus*) pode ser incluído com o protoetiópico aurinhacense de Combe-Capelle e o adolescente negróide de Grimaldi no grupo das raças equatoriais: não é lícito introduzir estes dois últimos no tipo de Cro-Magnon, «do qual diferem por caracteres antropológicos importantes, como o índice nasal, a altura do crânio, o próprio índice cefálico, etc.» (pág. 144).

Ao discutir no capítulo VII e seguintes as diferentes árvores genealógicas da Humanidade, propostas por Dubois, Pilgrim, Keith, etc., o A. mostra-se francamente monogenista. «A hipótese poligenista, em vez de partir do homogêneo para o heterogêneo, pretende antes peregrinamente explicar o mais simples pelo mais complexo» (pág. 191). E mais adiante afirma que as passagens da sua obra «referentes aos Antropóides e Hominídeos fósseis mostram bem quanto o poligenismo é audacioso em traçar numerosas linhas genealógicas pre-humanas, quando ainda nem sequer para o filum primordial único que os monogenistas admitem, foi já descoberto o Pro-hominídeo, o antepassado de que o *H. sapiens* provém» (pág. 218).

Quando trata das primeiras migrações humanas (cap. IX), devemos salientar a opinião pessoal do A. sobre o povoamento primitivo da América pela via Austrália-Tasmânia-Antártida-América do Sul, hipótese que tem encontrado adesões tão importantes como a de Rivet, e que o A. desenvolveu mais demoradamente numa tese apresentada ao último Congresso dos Americanistas em Roma (1926).

«Homo» é indiscutivelmente uma obra de valor que pode colocar-se a par das estrangeiras de Obermaier, Boule, Osborn, Mac-Curdy e Giuffrida-Ruggeri.

Para um católico, poderão talvez ser tidas como menos exactas certas expressões do A.; mas a elas não terei dúvida de aplicar, fazendo-as minhas, as palavras de P. Teilhard de Chardin, ao analisar na revista «Études» (Março de 1921) a obra clássica de M. Boule: «*Veillent les philosophes et les théologiens qui rencontreront ces phrases contestables ne pas se laisser impressionner par les mots, mais chercher à transposer dans un langage orthodoxe un enseignement dont les grandes lignes, sous un voile encore épais de conjectures et d'hypothèses, paraissent conformes à la réalité*».

E. J. (1)

(1) Rev. Eugène Jalhay («Brotéria», fasc. IV, vol. V, Caminha, 1927, pág. 242).

PROF. DR. EUGEN FISCHER — *Die Anfänge der Anthropologie an der Universität Freiburg* — Extr. de «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. III, Heft 2., Stuttgart, 1926.

Nesta conferência feita na «*Gesellschaft für Physische Anthropologie*» a quando da sua primeira reunião em Freiburg, narra o ilustre antropólogo, o comêço e o desenvolvimento dos estudos antropológicos na Universidade de Freiburg. Foi seu iniciador o professor de anatomia Alexander Ecker, que começou a organizar a colecção antropológica, logo que tomou conta da cadeira em 1857, sendo assim essa uma das primeiras colecções que apareceram.

Descreve-nos o autor a actividade prodigiosa do Prof. Ecker neste ramo da ciência; êle fez intensivas excavações em sepulturas franco-alemãs e foi por sua iniciativa que se realizou a reunião de Francfort, em que se criou o plano de orientação *orbito-auricular*, mais conhecido por «plano de Francfort». Na primeira reunião da «*Deutschen Anthropologischen Gesellschaft*», representou o Prof. Ecker a «*Freiburger Anthropologischen Gesellschaft*», fundada por sua iniciativa, e que nessa data contava 80 membros. Estabeleceu também o tipo do *Reihengraber* que, como diz o Prof. Fischer, é o primeiro passo para a definição da raça nórdica. Até 1881 êle fez de Freiburg o primeiro centro antropológico na Alemanha e, se até à sua morte em 1887 a sua actividade diminuiu, foi isso devido ao seu precário estado de saúde.

Com alguns dos seus sucessores, como Widersheim, continuou o Instituto da Universidade de Freiburg o seu desenvolvimento até ao ano de 1917, em que possuía ainda uma instalação modelar. Nesse ano uma bomba lançada dum aeroplano provocou um incêndio que tudo destruiu.

Na reconstrução do edificio, o Prof. Fischer incluiu uma secção de Antropologia, instalada segundo as exigências modernas da técnica desta ciência.

A. ATAIDE.

GEORGES HERVÉ & L. DE QUATREFAGES — *Armand de Quatrefages de Bréau, médecin, zoologiste, anthropologue (1810-1892)* — Extr. do «*Bulletin de la Soc. Franç. d'Hist. de la Médecine*», tt. XX e XXI, Paris, 1926 e 1927.

Bela e pormenorizada biografia em que se evocam a admirável personalidade do grande naturalista francês, campeão do monogenismo, as suas ideias, os seus nobres sentimentos, as suas via-

gens, a sua vida de família, de médico e de professor, as suas virtudes cívicas, a sua actividade magnífica no domínio da zoologia dos animais marinhos inferiores, da antropologia e da prehistória. Não faltam a este trabalho, que não é de modo algum uma ligeira notícia — conta nada menos de 71 páginas — notas enternecedoras e passagens eloquentes, que não excluem a justiça, antes a representam, para com tão gloriosa individualidade da ciência francesa. Particularmente interessantes a exposição das suas relações com Darwin, a sua atitude durante o cerco de Paris e durante a Comuna, defendendo as colecções do Museu de História Natural, a sua defesa da obra de Boucher de Perthes contra o misoneísmo oficial, etc.

M. C.

OTTO AICHEL — *Diskussionsbemerkung zu dem Vortrage des Herrn Prof. Dr. Westenhöfer über «Der Mensch», das älteste Säugetier* — Extr. «Sitzungsberichte der Anthropologischen Gesellschaft in Wien». Jahrg. 1926-1927.

O ilustre professor da Universidade de Kiel apresenta algumas objecções às afirmações feitas pelo Prof. Westenhöfer, muito principalmente à de que o homem é o mamífero mais antigo, o que ele rebate com sérios argumentos.

Mostra o autor a falta de base de tão estranha tese, que o Prof. Westenhöfer construiu não sobre dados novos, mas sobre factos já há muito conhecidos, provando-se pois que a não ser a referida afirmação, que carece de fundamento, nada de novo nos apresentou aquele Professor.

A. A.

LUCIEN MAYET ET HENRI CHOSSEGROS — *Les hommes fossiles de La Denise* — Extr. do «Boletim da Sociedade Académica do Puy e do Alto-Loire», t. XI, 1926.

Em 1844 foram descobertos, isolados ou incluídos na rocha argilo-gresosa da vertente sud-occidental do vulcão de Denise, perto do Puy (Alto-Loire), alguns ossos humanos fossilizados que se encontram hoje no Museu Crozatier, do Puy. Estes ossos foram objecto de estudos vários, sendo quasi unânime a sua atribuição a uma fase remota do quaternário, mas não se tendo podido, por falta de elementos de referência, precisar a sua data com o desejado rigor.

Recentemente, o eminente geólogo de Lyon, o Prof. Depéret, empreendeu novas pesquisas no terreno e, comparando as camadas encontradas com os materiais litológicos que acompanham os ossos conservados no Museu do Puy, verificou que «as camadas quaternárias que forneceram aqueles fósseis, estão assentes sobre brechas basálticas alteradas, de idade pliocena, e consistem em camadas finamente estratificadas de psamites siliciosas e micáceas, que alternam com camadas de argilas duras, brancas ou amarelas, com elementos cineríticos. Na base e no alto da formação, observam-se camadas mais compactas de grés siliciosos com numerosos fragmentos de escórias basálticas remexidas». Essas camadas quaternárias correspondem a um período calmo de sedimentação aquosa, intercalado entre duas fases de actividade vulcânica. As camadas greso-argilosas foram por Depéret reconhecidas nos blocos que contem os fósseis e se encontram no Museu. Estes restos humanos não teriam pertencido a victimas de explosões vulcânicas mas a indivíduos transportados pela água dum ribeira que iria desaguar num antigo lago-cratera, no fundo do qual se teriam depositado sedimentos «provenientes das brechas vulcânicas ou das areias com Mastodontes pliocenos, que afloram na vizinhança». A idade geológica dos ossos fósseis corresponde ao momento de depósito dos sedimentos, muito provavelmente ao termo do depósito que começou com a fase de actividade vulcânica do plioceno e terminou com a destruição dum grande parte do fundo do lago pela renovação das erupções no quaternário. Ora a última fase activa do vulcão é monastirensense ou pre-monastirensense, pois no sopé da lava basáltica correspondente existe um terraço aluvial que contém uma abundante fauna de tipo aurignacense, muitos cavalos, bisonte ou boi, rinoceronte lanudo, mamute, camurça, hiena, urso das cavernas, etc. Assim, os homens fósseis de La Denise são provavelmente mais antigos do que os Mustierenses do tipo de Neanderthal. Mayet intercála-os com verosimilhança entre o *Eoanthropus Dawsoni*, tirreniense, e o *Homo neanderthalensis*, monastirensense.

Os seus ossos, estudados por Mayet no Museu Crozatier, constituem dois lotes, um adquirido por Aymard, outro por Pichot-Dumazel, os quais deram sucessivamente entrada no Museu. Serão de três indivíduos diferentes, dois homens, um dos quais relativamente novo e outro no limiar da velhice, e uma jóven mulher. São indivíduos de baixa estatura (1^m,56 a 1^m,60), dolicocefalos, do ramo filético do *Homo sapiens*, talvez uma sua mutação ou *étape*. Um frontal do bloco Aymard foi indevidamente atribuído outrora ao *Homo neanderthalensis*, atribuição que Mayet contestou fundadamente numa comunicação à Academia das Ciências de

Paris em sessão de 12 de Julho de 1926. Mas, pelo seu desenvolvimento da glabella e dos arcos supraciliares, aproxima-se do tipo actual dos Australianos.

O «frontal Pichot», que contém na sua concavidade um depósito de limonite, pelo que foi chamado *frontal-limonite*, é duma mulher jóven, com glabella apenas indicada, sem proeminência supraorbitária, com bossas frontais nítidas, bela curva ascendente, etc. É bem do *H. sapiens*.

O interesse páleo-anropológico destas investigações sobre os restos de La Denise é enorme. Mais uma vez se verifica a remota antiguidade do *H. sapiens*, que de modo algum aparece, ao contrário do que vários antropólogos supuzeram, como um sucessor do tipo neandertalense.

Citando êstes valiosos estudos do dr. Mayet, cabe recordar os seus importantes trabalhos sobre os restos humanos fósseis de Solutré, as notáveis escavações do abrigo prehistórico de La Colombière, perto de Poncein (Ain), o estudo sobre os achados da gruta de Four-de-la-Baume (Brancion, Saona e Loire), o minucioso trabalho sobre o ossuário neolítico de Montouliers, etc.

M. C.

EGON VON EICKSTEDT — *Eine Ergänzung der Weichteile auf Schädel und Oberkörperskelett eines Neanderthalers* — Extr. «Zeitschrift für Anatomie und Entwicklungsgeschichte». 77 Band, Heft 3/4. Berlim, 1925.

Descreve-nos o autor com tóda a minúcia, o modo como realizou a reconstituição do busto do homem de Neanderthal, servindo-se dos estudos feitos sobre os restos desta raça paleolítica e de trabalhos de anatomia comparada, realizados no homem e nos antropoides.

Fornece-nos gravuras com algumas fases do trabalho de reconstituição e acaba por nos apresentar os dois projectos executados. O primeiro foi abandonado, conservando-se o segundo, que nos dá a ideia do aspecto que devia ter o homem mustierense.

O trabalho de E. Eickstedt é meticuloso e fundado num sério estudo do assunto.

A. A.

K. SALLER — *Die Rassen der jüngeren Steinezeit in den Mittelmeerlandern* — Extr. «Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistoria». Barcelona, 1926.

É um estudo comparado, muito minucioso, das raças prehistóricas da Península Ibérica. O autor analisa os diferentes caracteres dos crânios achados nesta parte ocidental da Europa e compara-os entre si. Encontra algumas semelhanças com a raça de Cromagnon, mas não tão grandes que se não possam distinguir nitidamente as duas raças. E descreve do seguinte modo o tipo fundamental dos povos neolíticos da Península: dolico-mesocrânio, tapeino-metricrânio, metriometópico até eurimetópico, de occipital de largura média, face variando de baixa até alta e estreita, órbitas baixas ou médias, e nariz que vai desde o médio ao platirínio; por fim estatura mediana. Considera o tipo de Mugem, o *Homo afer taganus* de Mendes Corrêa, como uma variedade da forma anterior da qual declara ser impossível separá-la.

É um trabalho muito interessante, cujas conclusões seriam inteiramente aceitáveis se o autor não fivesse utilizado o método de Czekanowski, que, como mostrou Stolywo, não é de modo algum aceitável, visto implicar a determinação de *médias* de grandes heterogéneas. Além disso, os espécimes dos *hökhemmöddings* portugueses, do neolítico, de Almeria, etc., são englobados naquele estudo como se pertencessem a uma mesma fase prehistórica, o que se não dá.

No entanto, o autor conseguiu reunir elementos úteis para uma sistematização do assunto.

A. A.

MORITZ HOERNES — *Prehistoria. III — La edad del hierro* — Biblioteca de Iniciación Cultural, colección Labor — Barcelona, 1927.

Traduzido em castelhano pelo sr. Alberto del Castillo, aparece agora na excelente coleção Labor, de Barcelona, o terceiro volume da *Prehistória*, de Hoernes. Refere-se êste volume à idade do ferro, sendo nêle dado um especial desenvolvimento ao problema da introdução do uso do ferro no Oriente, na Europa e nas outras partes do mundo, e bem assim às questões relativas à idade do ferro e às colonizações prehistóricas na Península Ibérica. No estudo da idade do ferro na Península são mencionados os resultados importantes das investigações de Bosch Gimpera.

A exposição é clara, minuciosa e bem sistematizada. A docu-

mentação é abundante. Ilustram o texto 62 figuras e no final publicam-se 16 belas estampas exclusivamente referentes a achados peninsulares. Uma boa bibliografia e um útil índice alfabético completam este livro.

M. C.

NEIL M. JUDD — *Archeological observations north of the Rio Colorado* — «Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology», bull, 62, 1 vol. de 171 págs., 61 ests. e 46 figs. Washington, 1926.

É a exposição dos resultados de diversas explorações arqueológicas realizadas pelo autor em numerosos *mounds* e outras ruínas e jazidas pré-históricas do Utah ocidental e do NO. de Arizona nos anos de 1915 a 1920 inclusivè. Foram estudadas as habitações e o mobiliário de antigas populações, que se verificou serem sedentárias, agrícolas e pacíficas e apresentarem diversidades locais na cerâmica e noutras manifestações de cultura. As ruínas junto do Rio Colorado e a leste do *canhão* Kanab indicam um grau de cultura relativamente mais elevado do que as dos vales Beaver e Parowan.

Estas investigações arqueológicas ao norte do Rio Colorado revelam uma extensão para norte e oeste da área conhecida como tendo sido habitada pelos antigos povos Pueblos, cujas culturas estavam já representadas por outras ruínas pré-históricas do norte de Arizona, do Novo México e do Colorado.

São interessantes e variadas as pictografias rupestres do *canhão* do Hieroglifo ou «The Gap» sito entre o pequeno lago Salgado e o vale Parowan. Algumas dessas pictografias são muito antigas, outras porém são de origem shoshoneana. É curioso que algumas teem afinidades com as nossas pinturas rupestres peninsulares, mas trata-se sem dúvida de convergência acidental, dada a simplicidade dos desenhos. Pictografias análogas foram registadas no *canhão* Cottonwood, predominando aí, porém, a figura humana.

A excelente factura material dêste trabalho documentado e consciencioso não faz excepção às normas das belas publicações do Instituto Smithsonian.

M. C.

E. ROQUETTE PINTO — *Seixos rolados (Estudos brasileiros)* — 1 vol. de 336 págs. — Rio de Janeiro, 1927.

O ilustre director do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sr. Prof. Roquette Pinto, publicou em volume vários artigos e estudos, que são mais um testemunho dos seus altos méritos de escritor e de naturalista.

Alguns dos capítulos do seu livro teem um carácter de vulgarização e propaganda científica, como, por exemplo, a bela exposição das leis de Eugenia e o sugestivo artigo sobre o ensino da História Natural às crianças. Outros são notícias de documentos, como a mesa com o curioso mapa sinótico de Boulanger, obra prima de micro-caligrafia, ou o manto do rei Rio-Rio, ou Tamehameha II, do Havai. Outros ainda são de índole biográfica, como os estudos primorosos sobre Martius, Euclides da Cunha naturalista e o poeta Vicente de Carvalho.

Mas, nalguns desses capítulos e mais nitidamente noutros — como o «Segredo das Uíaras» discurso de recepção no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, «O Brasil e a Antropogeografia» e as suas conferências de 1913 sobre «Aborígenes e etnógrafos» — êle trata magistralmente de questões de antropologia e etnografia brasileiras, com larga copia de informações pessoais e grande originalidade de pontos de vista. Os *sambaquis* pré-históricos, as viagens de Alexandre Rodrigues Ferreira e Martius, os tipos antropológicos aborígenes, a organização da família tupi, a religião e a arte dos Índios, são, entre outros, os temas admiravelmente focados pelo sábio naturalista brasileiro.

O depoimento do Prof. Roquette Pinto sobre estes variados assuntos de etnologia brasileira tem, além de tudo o mais, o valor da reconhecida competência especial do autor, uma das figuras mais proeminentes da ciência do seu país. E não faltam à sua exposição a fluência sugestiva e o relevo literário dum escritor brilhante.

M. C.

K. SALLER — *Die Entstehung der «Nordischen Rasse»* — J. F. Bergmann, Munich, e Julius Springer, Berlin, 1927.

O autor pretende investigar as origens da raça nórdica, estudando os caracteres de algumas raças pré-históricas, muito principalmente daquelas que habitaram as regiões onde hoje vivem os povos considerados dessa raça, e inicia o seu estudo pelas seguintes palavras: «A existência duma raça nórdica está hoje muito

divulgada em publicações populares. Infelizmente o problema, como sucede em tôdas as questões científicas logo que se tornam populares, foi trazido para um nível inferior e é objecto das mais estranhas especulações, não só no domínio psicológico, como também no político».

No momento em que vemos aparecerem na América do Norte e na Alemanha livros — alguns dos quais firmados por cientistas de indiscutível mérito — em que se exaltam as qualidades da raça nórdica de modo tal, que os seus representantes nos aparecem quasi como sôbre-humanos, é-nos grato verificar que dêsses mesmos lados ainda surge alguém que pretende subtrair-se à sugestão geral e examinar os factos com tôda a imparcialidade.

O autor serve-se do método de Czekanowski, tentando corrigir-lhe os defeitos que tem sido apontados por vários investigadores, e que tem impedido uma sua mais larga aplicação.

Conclue por afirmar que a raça nórdica não deriva directamente de nenhuma das raças prehistóricas conhecidas, e que só existe pela combinação feita com caracteres extremos, e portanto de fácil observação, mas que de facto carece de base, por se desprezarem os tipos médios ao arranjar-se semelhantes agrupamentos. Diz ser justamente no tipo médio das raças prehistóricas que nós devemos procurar as origens não só dos dolicocefalos como dos braquicefalos. Em todo o caso acentua que com o material prehistórico de que dispomos actualmente, não podemos ainda sair do domínio das hipóteses.

A. A.

A. A. MENDES CORRÊA — *Sur les prétendues races sérologiques* — Extr. de «L'Anthropologie», t. XXXVI. Paris, 1926.

Trata-se dum estudo crítico da pretensa caracterização das raças pelo exame sorológico, isto é, por intervenção da análise química, para a diferenciação das raças, em vez do critério morfológico, cuja aplicação torna difícil a definição delas. Trabalho de penetrante análise e profundo estudo, êste estudo conduz-nos a uma concepção racial muito diversa da que classicamente se impõe. Reconhece o autor as dificuldades e o atraso da ciência na aplicação de semelhante método.

A distinção *bio-química* das raças é ainda um assunto a estudar. É certo porém que o sangue apresenta nas diferentes raças qualidades diferentes, por exemplo, a capacidade aglutinadora do sôro e dos glóbulos vermelhos. Seria ir longe seguir o autor em tôdas as considerações a respeito dêste novo critério sorológico.

As de ordem estatística são, porém, muito para ter em vista e constitui a excelência do presente trabalho do sr. Prof. Mendes Corrêa. A documentação bibliográfica é também instrutiva e rica a êste respeito e prova a muita erudição e competência do autor. Êste refere-se particularmente ao estudo feito por L. Snyder sôbre a mesma via hematológica. É aqui que a aplicação do método estatístico feita pelo autor é mais original e interessante. As suas conclusões contrariam o estabelecimento da dicotomia de Hirschfeld — aglutinação ou não-aglutinação. Os métodos sorológicos para a classificação das raças carecem ainda dum aperfeiçoamento que lhes permita substituir ou auxiliar eficazmente a taxonomia baseada na caracterização morfológica.

BETENCOURT FERREIRA.

The racial characters of the Swedish Nation: Anthropologia suecica MCMXXVI — Publicação do Instituto Nacional Sueco de Biologia da Raça, com a colaboração de vários cientistas e editada pelo Prof. H. Lundborg e dr. F. J. Linders, director e sub-director do Instituto — 1 grande vol. de 182 + 108 págs., 44 est. e numerosas figuras, mapas e gráficos — Upsal, 1926.

Encontramo-nos em presença dum trabalho científico que não honra apenas o Instituto que o organizou, e os investigadores que o elaboraram, mas o país ilustre em que é possível levar a efeito uma tal iniciativa que não é exagêro classificar de monumental.

Trata-se essencialmente da exposição dos resultados valiosos dos estudos antropológicos realizados em 47.387 recrutas e soldados suecos, de idades compreendidas entre 20 e 22 anos e de diferentes proveniências geográficas e sociais. Foram, em todos, observados numerosos caracteres descritivos e métricos, aplicando-se em seguida a todos êsses caracteres os métodos estatísticos adequados para a destrição dos tipos antropológicos e estudo das variações. As conclusões apresentam dêsse modo o mais alto valor científico.

A raça *nórdica* é claramente predominante, podendo dizer-se que na Suécia, ou mais especialmente, segundo De Geer, na parte central e mais larga da Península Escandinava (*The Kernel area of the nordic race*) é onde ela se encontra mais pura, relativamente aos países da Europa septentrional. Em proporção mais reduzida aparece a raça braquicefala chamada *báltica oriental*, que, segundo Nordenstreng, não é, como alguns supuzeram, o resultado do

cruzamento dos dolicocefalos nórdicos com os braquicefalos alpinos, mas uma raça bem individualizada. No norte da Suécia des-cortinam-se influência de elementos morenos (Lapões).

São interessantes algumas correlações de caracteres e as diferenças morfológicas constatadas nalgumas classes e profissões. Capítulos especiais são consagrados à origem dos Indo-europeus (por Gunnar Ekholm), aos primeiros habitantes da Suécia (por Folke Hansen), à geografia daquele país (por Sten de Geer), à sua demografia, à população de Stockolmo, à raça de Cro-Magnon da qual se pretendeu derivar a raça nórdica, e a muitos outros assuntos, cuja simples menção nos levaria longe.

Sob o ponto de vista material, êste magnífico volume apresenta-se com um brilho digno do seu grande valor documental e científico. A Pátria de Retzius pode orgulhar-se do esforço admirável, realizado pelos seus antropologistas, com tenacidade, ciência, minúcia e ponderação, dignas do mais rasgado elogio.

Quanto seria para desejar que tal exemplo fôsse seguido por outras nações!

M. C.

ANTONIO JOÃO DA CUNHA — *Notas de camptometria nos crânios portugueses* — Tese de doutoramento, Pôrto, 1926.

É um estudo cuidadoso, levado a efeito no Instituto de Antropologia do Pôrto, sobre a curva sagital e a circunferência horizontal em 153 crânios portugueses dos Museus de Antropologia e Anatomia desta cidade. Alude o autor aos trabalhos já efectuados sobre as referidas curvas, especialmente no nosso país, e ao interesse anatómico e etnológico da determinação desses caracteres métricos.

Tendo decomposto a curva sagital nos seus três segmentos — naso-bregmático, bregmo-lambdático e lambdo-opistíaco —, estudou também o desenvolvimento relativo desses três segmentos nos dois sexos, e, em seguida, aplicando bons processos matemáticos, determinou nas suas séries as correlações das várias curvas e segmentos com o índice cefálico e a da curva sagital com a circunferência horizontal.

As conclusões principais do autor são as seguintes: a média da curva sagital nos crânios femininos portugueses é superior à de todos os povos europeus indicados na lista de Martín, com excepção apenas dos suecos; a média da circunferência horizontal é, relativamente a um grande número de povos europeus, baixa no homem e elevada na mulher; há muitas diferenças sexuais nas

curvas estudadas, evidenciando-se um relativo desenvolvimento parietal na mulher e uma frontalização e occipitalização no homem; a capacidade relativamente grande do crânio português resulta do desenvolvimento em altura, como se verifica pela curva sagital e pela relação vértico-modular; há algumas correlações sensíveis, não sendo, porém, tôdas no mesmo sentido nos dois sexos; as curvas crânicas, sobretudo a sagital, são, em geral, mais variáveis na mulher do que no homem.

M. C.

ANTÓNIO A. TEMIDO — *Un nouveau détail morphologique de l'humérus. Le trou marginal ou perforation osseuse sus-epitrochléenne* — Sep. de « *Folia Anatomica Univ. Conimbrigensis* », I, 1926.

O autor examinou os húmeros pertencentes às colecções do Instituto de Antropologia da U. de Coimbra e reparou que alguns dêles apresentavam uma particularidade que chamou a sua atenção e da qual não encontrou referência nos livros. Trata-se pois como facto novamente achado. É um pequeno orifício aberto no bordo interno do osso, acima do bordo inferior da epitroclea e de que fornece os documentos figurados. Esta espécie de anomalia, se assim se pode chamar, apresenta a frequência de 0,75 %, pois foi encontrada em 13 húmeros masculinos, entre 1.741 exemplares (614 ♂ e 235 ♀ direitos + 616 ♂ e 276 ♀ esquerdos). Uma vez o orifício é completamente fechado, doutras a perfuração é imperfeita, pela falha do rebordo cubital, nesse ponto. Neste último caso estão 20 húmeros, o que perfaz a soma de 33 e leva a concluir que o facto anatómico se encontra em 1,9 % dos exemplares estudados. Encontra-se em 2,44 % dos húmeros ♂ e em 0,59 % dos ♀. Existe também em muitos dêles uma pequena goteira, com a mesma orientação. O autor chamou a esta disposição, até aqui desconhecida ou mal notada, *buraco marginal ou perfuração óssea supra-epitroclear*. A situação dêste orifício bem como da goteira que com êle se relaciona leva a crer que se trata da passagem de um vaso, possivelmente dum ramo da artéria colateral interna inferior.

B. F.

PROF. J. A. PIRES DE LIMA — *As anomalias dos membros nos Portugueses* — Araújo & Sobrinho, Sucrs. Pôrto, 1927.

Dedicado ao insigne anatómico turonense, Prof. dr. L. Dubreuil-Chambardel, deu à estampa o sr. Prof. Pires de Lima, director muito illustre do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto um curioso livro, redigido a convite do Prof. Marck Athias, devotado secretário da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, para ser incluído no número dos volumes da «Colecção Natura».

Não admira que o Prof. Pires de Lima escolhesse para assunto da obra «As anomalias dos membros nos Portugueses», campo em que tem colhido desde 1914 material copioso. É assim, aproveitando os casos já por êle publicados e outros novos que a êsses acrescentou, conseguiu reunir uma série riquíssima, de que justamente se pode orgulhar.

Consultando a Bibliografia com que fecha o volume, verificamos que de 61 trabalhos de autores portugueses sôbre variações dos membros, 32 pertencem ao Prof. Pires de Lima.

O livro está dividido em seis capítulos, no primeiro dos quais o autor resume o que encontrou citado na nossa literatura a propósito de tais anomalias, arquivando ao mesmo tempo as crenças populares que coligiu referentes às suas pretendidas causas.

No segundo capítulo occupa-se dos movimentos anormais dos dedos, tema pouco versado e que o Prof. Pires de Lima reputa de singular importância. Preconiza a educação dos dedos, demonstrando que é à cultura da mão que deve principalmente visar a educação física. Esta parte do livro é, com poucas alterações, constituída por uma comunicação apresentada já à *Société d'Anthropologie de Paris*, que, apreciando-a, conferiu ao autor o Prémio Godard, facto que muito honra a ciência portuguesa e ao qual aludimos no número anterior desta Revista.

No capítulo seguinte o Prof. Pires de Lima trata da classificação e nomenclatura das variações dos membros, e no capítulo quarto faz a crítica das doutrinas mais correntes sôbre a sua etiologia, emitindo, sempre baseado em observações numerosas, opiniões pessoais.

Nos dois últimos capítulos figuram, resumidas, as observações de todos os casos registados em Portugal, a maior parte dos quais — e alguns muito raros — se devem, como já acentuei, ao próprio autor.

O livro, belamente editado, apresenta uma iconografia de-veras rica, e, tanto pelo número e valor dos documentos utilizados para a sua elaboração, como pelo método e clareza com que os assun-

tos são tratados e expostos, demonstra quanto é justa a opinião já assente em Portugal e no estrangeiro sôbre os méritos do autor — um dos mais categorizados professores universitários da nossa terra, a quem a ciência nacional já muito deve, mas espera muito mais dever ainda.

H. MONTEIRO.

DR. D. J. WOLFEL — *Die Trepanation* — Extr. da «*Anthropos*», tomo XX, 1925.

Estuda o autor as trepanações feitas pelos povos selvagens da Melanésia e da América. Serve-se para isso dos crânios que pôde observar e das narrativas dos viajantes que percorreram essas regiões. Estabelece depois a ligação entre o aparecimento da prática da trepanação e o uso de algumas armas de ataque, e verifica que tanto na Melanésia como na América essa coincidência se dá, o que portanto deve servir de explicação ao emprêgo, feito por êstes povos, de tal operação cirúrgica, com uma percentagem de êxitos, que faz inveja aos nossos melhores cirurgiões europeus.

É um trabalho de conjunto cuja falta se sentia; e só podemos desejar que o novo estudo sôbre as trepanações dos crânios prehistóricos, que o autor nos anuncia, se não faça esperar.

A. A.

DAVID I. BUSHNELL, JR. — *Burials of the Algonquian, Siouan and Caddoan Tribes West of the Mississippi* — «*Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, bull. 83*», 1 vol. de 103 págs., 37 ests., e 3 figs., Washington, 1927.

É um documentado estudo sôbre ritos funerários e tipos de sepulturas de várias tribus de Índios da região a ocidente do Mississippi, até às Montanhas Rochosas a leste e, para o norte, até ao vale do Rio Vermelho, nas possessões britânicas. Essas tribus pertencem às três grandes famílias linguísticas dos Algonquinos, dos Sioux e Caddoan. Alguns dos tipos de disposição dos cadáveres são extremamente curiosos, variando consideravelmente de tribo para tribo e sendo, segundo o autor, influenciados os diferentes ritos funerários pelas condições do meio físico e pelo modo de vida das respectivas populações, factores que interveem do mesmo modo na forma das habitações dos vivos.

Algumas tribus conservaram os antigos costumes funerários durante largo tempo. Alguns depósitos túnebres, numerosos « mounds » por exemplo, pertencem a tribus que os Europeus encontraram ao visitarem pela primeira vez o território. Mas há-os muito mais antigos, ignorando-se a identidade dos povos que os edificaram.

É um interessante trabalho, com a ilustração e o excelente aspecto material das outras publicações do Instituto Smithsonian.

M. C.

A. VAN GENNEP — *Le cycle des douze jours (Nöel-Premier de l'An-Rois) dans les coutumes et croyances populaires de la Savoie* — Extr. da « *Revue de l'Institut de Sociologie* », 7.º ano. Bruxelas, 1927.

As investigações folk-lóricas comparadas, referentes ao ciclo ou à árvore do Natal nos países eslavos e germânicos, demonstraram a alta antiguidade, pre-cristã, dêste ciclo de cerimónias de inverno, que existia a par dum ciclo de cerimónias de Primavera e de outro de cerimónias do meio do Verão, mais tarde o ciclo do S. João. Esta divisão do ano em três partes não é atribuível a um determinado povo, nem comum a todos os povos europeus, pois não existe no sul e no extremo-norte da Europa.

O ciclo dos doze-dias, ou, segundo outros, das doze noites começa em 24 de Dezembro e acaba no dia 6 de Janeiro, isto é engloba as cerimónias que nos países cristãos vão do Natal aos Reis, inclusivè.

O eminente etnógrafo Van Gennep estuda pormenorizada-mente as variantes e a distribuição geográfica dos costumes e crenças populares dêste ciclo no território francês da Sabóia. Encontram-se na sua interessantíssima descrição alguns factos etnográficos comuns a regiões distantes daquela, como o nosso país por exemplo. O *Père Chalande* corresponde, entre nós, ao Menino Jesus que, nalguns meios, traz na noite de Natal os brinquedos às crianças que tiveram o cuidado de deixar os sapatos no fogoão. Também nós temos doces característicos do Natal, as *rabauadas*, os *mexidos*, os *cuscareis*, os *bilharacos*, os *sonhos*. Do Ano-Bom aos Reis o bolo-rei com a fava clássica é talvez uma importação urbana. A matança do porco também por vezes se faz nesta época e é acompanhada de festanças típicas. A prática horoscópica das donzelas saboianas de deitar na água chumbo derretido para das formas do metal subitamente arrefecido inferirem a data

ou probabilidade do seu casamento e as qualidades do futuro esposo, não é essencialmente diversa da das raparigas de algumas terras portuguesas deitando na noite do S. João uma clara de ovo ou um papel enrolado num copo de água e examinando de manhã a figura formada pela clara de ovo ou o desenrolamento do papel.

Tantos factos dêste género! Como seria interessante fazer no nosso território um inquérito etnográfico análogo ao realizado por Van Gennep na Sabóia, tratando de averiguar quais os costumes e crenças de raízes muito profundas no tempo e no país e quais os que resultam de infiltrações estrangeiras mais ou menos recentes, como porventura alguns dos que citámos!

O valioso trabalho de Van Gennep, publicado pelo Instituto Solvay, de Bruxelas, conclui por uma carta geográfica da distribuição na Sabóia do costume da fogueira do Natal, da fórmula do *Père Chalande* e das designações *Riaume* e *Riame* dadas ao bolo-rei. Esta monografia vem juntar-se ao número já elevado de trabalhos etnográficos importantes com que o seu autor conquistou um alto renome científico.

M. C.

J. LEITE DE VASCONCELOS — *A figa* — Conferência lida na Faculdade de Medicina do Pôrto, por ocasião do I Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Pôrto—24 est. com 67 fig.— Pôrto, 1925.

Numas considerações preambulares o A. recorda os Mestres do seu tempo, quando aluno da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, e explica a razão de ser da conferência, sensibilizado pelo convite da Direcção da Faculdade.

O capítulo de introdução *Do sobrenatural na medicina popular portuguesa*, é de-veras curioso, e nêle o A. expõe a maneira como o povo diagnostica as doenças de que é alvo, e relata as razões variáveis a que as atribue, variando com essa atribuição o tratamento, quasi sempre feito à custa de práticas arcaicas extravagantes, acompanhadas geralmente de ensalmos curativos curiosíssimos.

Entre os agentes curativos de carácter mágico gozam de grande importância os ensalmos mencionados a que correspondem na religião os exorcismos: uns e outros teem por protótipos fórmulas antigas conservadas em textos epigráficos e literários, romanos, gregos e orientais.

Nas práticas curativas, são agentes terapêuticos valiosos a

saliva, água benta, azeite das lâmpadas, alhos, a pedra de ara, o cálice, certas relíquias, e quantas outras coisas absurdas, como terra de sete cemitérios, dentes, chifres, defumadouros, etc., etc.

Só uma crassa ignorância e uma extraordinária religiosidade dum povo católico e crente como o nosso podem fazer com que existam e prosperem o curandeiro ou curão, o mezinheiro, o charlatão, o dentista de feira, o endireita, o soldador, a benzedeira, o menino virtuoso e outras personagens não menos ridículas.

Relata-se em dada altura uma série de crenças, em que os fantasmas, as moiras encantadas, o diabo transformado em cabrito, os lobisomens, as encruzilhadas, etc., se baralham entre si, reforçando-se mutuamente.

Tudo isto, que é do domínio geral, aquece a imaginação do povo, já por si ardente e inventiva, levando-o a supor a existência de doenças sobrenaturais.

Merece especial menção ao A. a *fascinação* que é modernamente conhecida por vários nomes como *quebranto*, *olhadura*, *mau olhar*, etc. Com a história, definição e etiologia, diagnóstico e tratamento dêste mal fecha o A. a introdução.

Faz em seguida o estudo da figa debaixo de diferentes aspectos. Começa por estudar a figa em Portugal, fazendo em capítulo à parte o seu estudo fora do nosso país. A figa na antiguidade, a propagação histórica da figa e a sua significação primordial são outros tantos capítulos, em que o estudo dêste singular amuleto é realizado duma maneira brilhante, minuciosa e documentada.

Ao iniciar o estudo da figa em Portugal, o A. começa por a definir, distinguindo a figa-gesto da figa-amuleto e estas da figa meramente vocábulo, com funções diferentes. São muitas as quadras populares e outras composições poéticas que o A. transcreve e através das quais se manifesta e define bem claramente a acção da figa contra o quebranto e contra outros males e perigos.

A figa toma por vezes uma expressão de desprêso que a seguinte quadra alentejana bem sintetisa:

Minha avó quando morreu
Ficou com um olho aberto
E deixou em testamento
Uma figa para o neto.

A figa é tomada como praga, e muitas vezes, com o intuito de rebaixar uma pessoa, faz-se ou dá-se uma figa. Dando-lhe esta acepção as composições poéticas e a veia popular tornam-se um manancial inexgotável.

A figa tem uma vasta acção protectora, que atinge os animais e as coisas, como casas, barcos, etc.

O seu engaste é muitas vezes rico e artístico. Há quem a use na corrente, nas pulseiras e ao pescoço.

Mas não é só em Portugal que a superstição da figa criou raízes. Além fronteiras também esta superstição é vivaz. Na Espanha encontra-se muito arraigada, pelo menos em algumas regiões que o A. observou directamente.

Na França e Suíça, como amuleto, parece gozar de pouca importância, sendo usada apenas como enfeite.

É na Itália que ela floresce por excelência, pois ali a crença no mau olhar dos *jettatori* é profundíssima.

Segundo o A. não sofre comparação a crença portuguesa na figa com a italiana, sobretudo com a napolitana, que excede todos os limites:

«Nem o Papa Pio IX escapava à fama de *jettatore*: quando os fieis lhe pediam a bênção, faziam-lhe figas ocultamente, e uma vez que êle havia de ir a uma praça de Roma, onde andavam operários trabalhando, êstes recusaram continuar o trabalho com medo do mau olhar que êle, como em geral os *jettatori*, involuntariamente deitava».

Noutras nações como na Grécia, na Alemanha, na Rússia, na Ruménia e na Noruega conhece-se e usa-se a figa com sentidos vários.

SANTOS JÚNIOR.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira* — Vol. I. Um vol. de 176 págs., Lisboa, 1926.

O sr. dr. Jaime Lopes Dias fez no distrito de Castelo Branco uma larga colheita de factos etnográficos, e dá publicidade neste livro a uma parte dos materiais que obteve. Começa pela reprodução de várias lendas populares da região, ao que se segue a descrição de vários costumes, usanças, crenças e superstições. Alguns factos apresentados são comuns a outros lugares do país, com maiores ou menores variantes. As «mouras da Serra d'Opa», por exemplo, aparecem, como o autor faz notar, em muitas outras regiões. O mesmo sucede com a crença de que tardarão em falar as crianças de peito que se levarem ao espelho, com a de que comer muito queijo tira a memória, com a de que, quando troveja, está Deus a ralhar, e com muitas outras crenças e superstições. Certos costumes descritos não são também privativos da Beira Baixa, mas nem por isso deixa de ser necessário dar conta deles

num trabalho dêste género, ainda quando não ofereçam variantes sensíveis em relação a outros pontos.

Os enigmáticos sinais insculpidos num penedo da margem do Erges, de que o autor se ocupa, na secção das lendas, sob a epigrafe «A pedra do gato», teem um carácter diverso das gravuras rupestres dos tempos prehistóricos. Embora, como o povo de Segura supõe, pareçam referir-se a pretensos tesouros mouriscos, é de crer que se trate duma charada ali gravada em data muito recente por alguém que quis divertir-se ou estimular noutrem a ânsia de descobrir tesouros ocultos. Ocorreu-nos que houvesse alguma relação entre a tesoura gravada no penedo do Erges e a dança das tesouras da romaria da Senhora dos Altos Céus da Louza, mas a descrição desta dança não nos fornece a menor base para tal suposição que puzemos de parte.

O livro do sr. Lopes Dias, escrito de modo agradável e correcto, representa um esforço meritório que devia ser imitado noutras regiões de Portugal. O património valioso, constituído pelas tradições e pelos documentos *folk-lóricos* em que se espelha, em toda a sua ingenuidade e pureza, a psicologia dum povo, desaparecerá de-prensa sob a destruidora influência da civilização e dos meios de transporte fácil. Se não é possível conservá-lo na alma popular, archive-se ao menos essa riqueza em livros como o que publicou o sr. Lopes Dias.

M. C.

BIBLIOTECA